

Corpo, gesto e atuação

Por Andréa C. Scansani,* Mariana Baltar** e Pedro Guimarães***

O dossiê aqui apresentado é oriundo do Seminário Temático organizado nos encontros anuais da Socine – Sociedade Brasileira de Estudos de Cinema e Audiovisual, entre 2017 e 2019. As pesquisas apresentadas estimularam debates sobre questões contemporâneas que tomam o corpo como ponto de convergência para refletir sobre as relações entre imagem, expressão e representação, seja a partir do índice material na imagem, do espectador ou da equipe artística e técnica envolvida na construção do corpo fílmico.

Tomar o corpo como ponto de convergência não é mera construção frasal, mas requer buscar outras formas de estudo, buscar outros olhares não apenas para a análise fílmica, mas para a pesquisa dos elementos extrafílmicos, para as contribuições criativas das várias áreas que compõem um filme, para além da centralidade do paradigma do realizador. Nesse sentido, este dossiê se insere no conjunto de preocupações sobre o cinema, centradas nas dimensões do corpo e dos gestos que são reverberadas pela organização da *mise-en-scène*. As reflexões aqui apresentadas colocam em questionamento as implicações afetivas, políticas, tecnológicas e históricas do corpo nas diversas formas de encenação audiovisual. A materialidade do cinema é, desse modo, configurada pelos atravessamentos humanos e técnicos, e tanto a imagem do corpo quanto o corpo da imagem nos instigam a abraçar as discussões que olham para as imbricações desses elementos nos filmes. São coreografias, texturas, olhares, volumes e ritmos que esboçam as estratégias de sensibilização através de um jogo que se processa entre as variadas perspectivas do corpo no cinema: o corpo e os gestos nas telas, o corpo e os gestos da câmera, do aparato sonoro e demais elementos da materialidade fílmica, além do corpo do próprio espectador.

Os textos reunidos neste dossiê, dialogam com um grupo contemporâneo de teorias que alinhadas com autores como Vivian Sobchack (2004), Thomas Elsaesser e Malte Hagener (2010), Elena Del Rio (2008), Giorgio Agamben (1991), Patrick McGilligan (1975), James Naremore (1988) e os teóricos ligados à retomada dos *acting studies* (Luc Moullet, Alain Bergala, Christophe Damour, Christian Viviani). Leitores também encontrarão aqui diálogos que tangenciam a perspectiva das materialidades do cinema e do aparato fílmico propostos a partir dos trabalhos de Jacques Aumont (2009), Vincent Amiel (1998), Steven Shaviro (2015) e Nicole Brenez (1998).

O dossiê abre com artigos que empreendem excelentes exercícios analíticos do papel do corpo dos atores (em suas carnalidades, gestualidades e coreografias) na construção do tecido fílmico. Em “Maximo Serrano: um *typo* queer no cinema silencioso”, Mateus Nagime analisa a presença do ator brasileiro que, no fim dos anos 1920, especializou-se em papéis do “tipo sentimental” ou “sensível”. Nos argumentos do autor, tal proposta aponta para uma sensibilidade queer, configurando o que Nagime chama de “atoria queer”, em artigo fundamental sobre um intérprete pouco falado do cinema brasileiro.

Em seguida, João Vitor Resende Leal em “O personagem de cinema: pessoa, figura, presença” propõe inovadora taxonomia para se entender três modos de aparecimento do personagem fílmico. Inscrevendo-se dentro do grande campo da teoria do cinema, o artigo tenta circunscrever grandes linhas de força do personagem no cinema, com análises que mesclam contribuições do teatro e das artes visuais para se entender a singularidade dessa instância narrativa fílmica e sua relação com o corpo e a *persona* do ator que lhe dá substrato físico.

Já Maria Leite Chiaretti, em “Loucura e insurreição do corpo feminino em *L'Amour fou* (Jacques Rivette) e *A Woman Under the Influence* (John Cassavetes)”, faz um trabalho comparativo sobre os corpos das personagens

femininas centrais das obras de Jacques Rivette e John Cassavetes para tensionar, através das atuações, o nexó entre o estilo de encenação e a revolta do corpo feminino contra o cerceamento do espaço habitualmente reservado às mulheres. Uma abordagem que mescla análise fílmica do jogo atoral e perspectiva feminina.

Em “Eu indecifrável: o ator no underground brasileiro e argentino”, Fernanda Andrade Fava também empreende uma reflexão que contribui de modo perspicaz com o estudo da performance, do gestual e do movimento dos corpos em cena. Em pesquisa comparatista, a autora propõe estudar o cinema experimental dos dois países do ponto de vista de processos e resultados do trabalho atoral. Não bastasse a enorme contribuição da metodologia que aproxima tais filmes, o artigo lança luz em um campo de estudos bem menosprezado na América Latina, o dos estudos atorais, e propõe análise instigante sobre esse campo cego da produção fílmica do continente.

O dossiê se encerra com estudo sobre a dimensão política do audiovisual. Em “Corpo, política e sensação em vídeo nas redes sociais: a 'câmera-corpo' como fenômeno fílmico”, Adil Giovanni Lepri aborda a centralidade do excesso, do sensacionalismo e do espetáculo nos vídeos veiculados nas redes sociais por movimentos tanto à esquerda quanto à direita do espectro ideológico no Brasil. Para Lepri, a espetacularização se manifesta na própria materialidade fílmica, a partir da câmera enquanto dispositivo cinematográfico e da manipulação desta em conjunto com o corpo de quem filma. Portanto, sua noção de uma “câmera-corpo” traz visibilidade ao embate político a partir de um aparato que atua de fato como extensão de quem a empunha. Um corpo que afeta e deixa-se afetar; uma câmera que desvia-se de uma mera função técnica para compor um jogo, por vezes perigoso, de manobras político-midiáticas.

A partir dos artigos reunidos neste dossiê, leitores mergulham em exercícios analíticos que operam deslocamentos das tradições da análise fílmica tão

tributárias de uma matriz narratológica e de um paradigma ocularcêntrico. Acreditamos que este dossiê permite perceber modos de análise que exploram a relação de engajamento afetivo e sensorial entre o corpo do espectador e o corpo fílmico, uma perspectiva amplamente articulada com viradas epistemológicas no campo do cinema e do audiovisual que colocam o regime expressivo, as sensações, as atrações, os afetos e os corpos no centro das preocupações estéticas e políticas.

Boa leitura a todes!

*Andréa C. Scansani é Professora do curso de Cinema do do Departamento de Artes da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). E-mail: daraca1@gmail.com

** Mariana Baltar é Professora do Programa de Pós-graduação em Cinema e Audiovisual (PPGCine) da UFF e Coordenadora do Núcleo de Estudos do Excesso nas Narrativas Audiovisuais (NEX). E-mail: marianabaltar@gmail.com

*** Pedro Guimarães é Professor do Departamento de Multimeios, Mídia e Comunicação e do Programa de Pós-graduação em Multimeios do Instituto de Artes da Unicamp. E-mail: pedro75@unicamp.br